

### Carta ao jovem filho

Nada há de mau que te deixes seduzir pelos livros, meu filho, e até que os queiras junto de ti. São os livros uma boa companhia desde Gutemberg, ou antes dele, desde os incunábulos, quiçá antes mesmo. O livro teve sempre algo de superior e em todos os tempos constitui um sinal que distingue os homens dotados de qualidades e virtudes. Cultiva, pois, os livros, meu filho, mas ouve a voz de teu pai: não os abras, nem procures lê-los. A leitura perde o Quixote e tem dissipado muitos espíritos.

Interessa-te, sim, pelos livros. Coleciona os que são belos e bem feitos, os que, sendo decorativos, são também raros e valiosos. Se queres manter uma relação mais íntima com os livros, faz a escolha certa: ajuda a difundir-los, sem o íntimo contágio que perturbe o teu próprio itinerário. Ao mesmo tempo que te poupas do cansaço e da perplexidade da leitura cooperas com a nobre missão de semear ideias e fantasias, ao mesmo tempo que caminhas para a conquista do teu lugar de benfeitor da cultura.

Se te interessas pela cultura e se puderes pôr de lado uma pequena parte do que amealhares, não hesites participar do nobre processo cultural de tua pátria. Não entrarás em competição, nem acotovelarás os que te querem passar à frente: protege os artistas, meu filho. Louva o seu trabalho, mas nunca te deixes confundir com um deles. O preço que paga um artista é muito alto e contraditório: ele vive da solidão e precisa do favor público.

Há quem diga que a multidão dos que não têm a sagrada centelha precisa do artista. Não te iludas, meu filho: é o artista quem precisa do público e lhe implora a sua sanção. Sem precisar passares pelo crivo da crítica, nem adulares os iniciados, o louvor subirá até os teus pés e te tecerá a coroa de amigo das letras e das artes. Dispensando-te de seres artista, melhor cultivarás a arte alheia. Os artistas te deverão reverência e assim ostentarás a aura que te dará o perfume intelectual de tua superioridade.

Pouco importa a arte que te seduza. Todas são igualmente sedutoras, se te rendem um benefício que a seu tempo se contabiliza também em valor material. Abre-lhes, sim, meu filho, o teu generoso coração. Mas não te deixes possuir pela gratuidade da criação, nem tenhas ouvido para a controvérsia. A controvérsia está a um passo da filosofia e da metafísica, da indagação e da dúvida. Sê uma fortaleza de certezas, a cuja porta vão bater os incertos e os perplexos – toda a raça dos que na lucubração buscam preencher o inquieto vazio de seu coração.

Foge dessa vertigem estéril, como quem foge da lepra e da loucura. Não cogites. Toma cuidado sobretudo agora, que és jovem. Mas nunca te distraias, porque todo tempo é tempo de tentação. Mais tarde o destino

realizado, firme conceito na sociedade, resiste ao demônio do meio-dia, que, artista, pode soprar-te algo de gratuito. Não cedas à vontade de aumentar por tua conta, com o teu próprio sacrifício, o já imenso patrimônio cultural da humanidade. Escolhe o caminho humanitário que não te fecha no teu egotismo e que não exalta o narcisismo de tua própria contemplação. Podes ter sempre a beleza junto de ti, valorizando a arte dos que têm pouco ou nenhum entendimento da vida material.

Lembra-te de que quem deve cuidar da memória de tua passagem por este mundo és tu mesmo. Muitas são as maneiras infalíveis de levares os teus descendentes a ter orgulho de teu bom gosto e de tua fina sensibilidade. Fazes saber que amas a harmonia do universo e nas artes tens o sublime conforto para o sigilo de teu coração. Tudo que é construtivo merece o teu apreço, filho meu. Todas as artes – repito – cabem na tua bolsa de arte. Mas não te esqueças da música, seja a erudita, seja a popular. Tudo é música. Tudo há de ter proveito e rendimento na pauta do teu futuro, que começou quando nasceste.

A vida do espírito pede espírito prático. Para que te reverenciem e estimem, não é preciso que te afastes de teu mundo. Nem perguntes se é sincera a homenagem que te rendem. Aceita o que é teu. E teu é tudo que vem a ti. Tudo que te cerca e que vês. Tudo o que conquistares. Só há vitória onde há mérito. Ouve, filho meu, a voz de quem te quer voltado para o largo horizonte do idealismo em que te criei e que te cabe levar adiante. Só com bom-senso, os pés no chão, podes ter os olhos na distância. O resto é delírio fugaz, que passa como passam, breve, veleidades de tua juventude.

RESENDE, Otto Lara. *O Globo*.

#### EXERCÍCIOS NÍVEL 1

- 01 (EN) Segundo o texto, qual a melhor maneira de semear ideias e fantasias?
- 02 (EN) Que atitude se aconselha tomar para merecer-se a reverência alheia?
- 03 (EN) Que se entende por "... narcisismo de tua própria contemplação"?
- 04 (EN) Qual das artes se recomenda como indispensável ao concerto da vida?
- 05 (EN) No texto, ora o autor emprega "meu filho", ora "filho meu". Qual a importância da inversão do pronome possessivo?

#### ANOTAÇÕES

## Interpretação de Texto

## Canção

Pus o meu sonho num navio  
e o navio em cima do mar,  
– depois, abri o mar com a mãos;  
para o meu sonho naufragar.

Minhas mãos ainda estão molhadas  
do azul das ondas entreabertas,  
e a cor que escorre dos meus dedos  
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,  
a noite se curva de frio;  
debaixo da água vai morrendo  
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,  
Para fazer com que o mar cresça,  
e o meu navio chegue ao fundo  
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito:  
praia lisa, águas ordenadas,  
meus olhos secos como pedras  
e as minhas duas mãos quebradas.

(Cecília Meireles)

## EXERCÍCIOS NÍVEL 1

- 01 (EN)** Depois de uma leitura bem atenta do poema e de uma análise bem cuidadosa, chegamos à conclusão de que, na última estrofe, há uma ironia, através do emprego do adjetivo “perfeito”. Justifique-a.
- 02 (EN)** Qual a relação entre as “ondas entreabertas” (2ª estrofe) e as “águas ordenadas” (5ª estrofe)?
- 03 (EN)** Retire do texto o verso que justifique o fato de que a iniciativa de se livrar do “sonho” partiu da própria autora.
- 04 (EN)** Como justificar a transição temporal ao longo do poema?

## ANOTAÇÕES

## Interpretação de Texto

Leia atentamente o seguinte texto:

### Seca

Era hora do almoço dos trabalhadores. Enquanto os homens comiam lá dentro, o fazendeiro velho sentava-se na rede do alpendre, à frente de casa espiando o sol no céu, que tinha como vidro; procurando desviar os olhos da água do açude, lá além, que dentro de mais um mês estaria virada de lama.

Os dois cabras se aproximaram sem que ele pressentisse. Era um alto e um baixo; o baixo grosso e escuro, vestido numa camisa de algodãozinho encardido. O alto era alourado e não se podia dizer que estivesse vestido de coisa nenhuma, porque era farrapo só. O grosso na mão trazia um couro de cabra, ainda pingando sangue, esfolado que fora fazia pouco. E nem tirou o caco de chapéu da cabeça, nem salvou ao menos.

O velho até se assustou e bruscamente se pôs a cavalo na rede, a escutar a voz grossa e áspera, tal e qual quem falava:

– Cidadão, vim lhe vender este couro de bode. Aquele “cidadão”, assim desabrido, já dizia tudo. Ninguém chega de boa atenção em terreno alheio sem dar bom-dia. E tratando o dono da casa de cidadão. Assim, o fazendeiro achou melhor fingir que não ouvira e foi-se pondo de pé.

– O quê? Que é que você quer?

O homem escuro botou o couro em cima do parapeito e o sangue escorreu num fio pelo cal da parede:

– Estou arranchado com minha família debaixo daquele juazeiro grande, ali. Essa cabra passou perto – não sei de quem era. Matei, e a mulher está cozinhando a carne para comer. Agora, o couro – o senhor ou me dá dinheiro por ele, ou me dá farinha.

– E de quem é essa cabra? É minha? Quem lhe deu ordem para matar?

O velho estava tão furioso que o dedo dele, espetado no ar, tremia. E o loureba esfarrapado chegou perto e deu a sua risadinha:

– Ninguém perguntou a ela o nome do dono...

Mas o outro, sempre sério, olhou o velho na cara:

– Matei com ordem da fome. O senhor quer ordem melhor?

Nesse meio, os homens que almoçavam lá dentro escutaram as vozes alteradas e vieram ver o que havia. Eram uns doze – foram aparecendo pelo oitão da casa, de um em um, e se abriram em redor dos estranhos no terreiro.

Aí o velho se vendo garantido, começou a gritar:

– Na minha terra só eu dou ordem! Vocês são muito é atrevidos – me matarem o bicho e ainda me trazerem o couro pra vender, por desaforo! Chico Luís, veja aí de quem é o sinal dessa criação.

O feitor largou a foice no chão, puxou as orelhas do couro, e virou-se achando graça para um dos companheiros: era a sua cabrinha, não era mesmo, compadre Augusto? Está aqui o sinal...

O Augusto veio olhar também e ficou danado:

– Seus perversos, a cabra era da minha menina beber leite, estava cheia de cabrito novo!

Mas o olho do homem escuro era feio e, se ele se assustara vendo-se cercado pelos cabras da fazenda, não deu parecnça. O loureba é que virava a cara de um lado para outro, procurando saída; ainda levou a mão ao quadril, bateu o cabo da faca – mas cada um dos homens tinha uma foice, um terçado, um ferro na mão.

Nesse pé o fazendeiro, para acabar com a história, resolveu mostrar bom coração; e gritou para o corredor:

– Menina! Manda aí uma cuia com um bocado de farinha!

Depois, retornando ao homem:

– Eu podia mandar prender vocês, para aprenderem a não matar bicho alheio! Mas têm crianças, não é? Tenho pena das crianças! Leve essa farinha, comam e tratem de ir embora. Daqui a uma hora quero o pé de juazeiro limpo e vocês na estrada. Podem ir!

O homem recebeu a cuia, não disse nada, saiu sem olhar para trás. O outro acompanhou, meio temeroso, tirou ainda o chapéu em despedida, e pegou no passo do companheiro. O velho reclamava em voz alta – cabra desgraçado, além de fazer o malfeito, recebe o favor e nem sequer abana o rabo.

Os trabalhadores, calados, acompanhavam com os olhos os dois estranhos que marchavam um atrás do outro, na direção do juazeiro, do qual só se avistava a copa alta ali no terreiro. Ninguém sabe o que pensavam; o dono da cabra deu de mão no couro e foi com ele para trás da casa.

Aí a sineta bateu e os homens saíram para o serviço. Passando pelo juazeiro, lá viram a família ao redor do fogo, os meninos procurando pescar pedaços da carne que fervia numa lata. Mas o homem escuro, encostado ao tronco, via-os passar, de braços cruzados, sem baixar os olhos. Ainda foi o dono da cabra que baixou os seus; explicou depois que não gostava de briga.

**MORALIDADE:** Este caso aconteceu mesmo. Faz mais de trinta anos escrevi uma história de cabra morta por retirante, mas era diferente. Então, o homem sentia dor de consciência, e até se humilhou quando o dono do bicho morto o chamou de ladrão. Agora não é mais assim. Agora eles sabem que a fome dá um direito que passa por cima de qualquer direito dos outros. A moralidade da história é mesmo esta: tudo mudou, mudou muito.

(QUEIROZ, Rachel de. *Cenas brasileiras*. São Paulo: Ática, 1997, p. 14-17. (Para gostar de ler).)

Lido o texto, **observe atentamente** cada quesito e assinale somente **UMA** alternativa correta em cada questão.

**01 (EFOMM)** Diz-se pejorativo o que exprime sentido depreciativo, desfavorável ao referir-se a alguém ou alguma coisa. Essa atitude a autora tem com um dos personagens na passagem:

- (A) “Os dois cabras se aproximaram sem que ele pressentisse.”
- (B) “O velho até se assustou e bruscamente se pôs a cavalo na rede...”
- (C) “O feitor largou o foice no chão, puxou as orelhas do couro, e virou-se...”
- (D) “Mas o olho do homem escuro era feio e, se ele se assustara ...”
- (E) “O loureba é que virava a cara de um lado para outro...”

**02 (EFOMM)** A morte da cabra deixou o dono dela com raiva, porque:

- (A) o animal, além de alimentar a filha dele, estava prenhe.
- (B) o animal, além de alimentar a filha dele, tinha muitos filhotes para amamentar.
- (C) o animal, além de alimentar a filha dele, cruzaria com um cabrito novo.
- (D) estava previsto o cruzamento do animal com um cabrito novo.
- (E) o animal servia para alimentar a filha dele, mas não gostava de cabrito novo.

**03 (EFOMM)** “Mas o olho do homem escuro era feio e, se ele se assustara vendo-se cercado pelos cabras da fazenda, não deu parença.” Sobre a passagem sublinhada pode-se dizer, em outros termos, que:

- (A) se ele tinha se assustado ao se ver cercado pelos homens, não deixou transparecer.
- (B) se ele teria assustado-se por se ver cercado pelos homens da fazenda, não deixou transparecer.
- (C) caso ele tenha se assustado ao se ver cercado pelos homens da fazenda, não deixou transparecer.
- (D) se ele tinha assustado-se ao se ver cercado pelos homens da fazenda, não deixou transparecer.
- (E) caso ele tivesse se assustado por se ver cercado pelos homens da fazenda, não deixou transparecer.

**04 (EFOMM)** O texto de Raquel de Queiroz defende a tese de que:

- (A) o direito à propriedade privada se sobrepõe ao da transgressão.
- (B) não cabe a um cidadão, ainda que faminto, a prática de um crime.
- (C) não é relevante denunciar a fome que passa o cidadão brasileiro.
- (D) a alienação do cidadão brasileiro perdura há décadas.
- (E) a fome garante ao cidadão um direito maior que o da propriedade privada.

**05 (EFOMM)** “Aquele cidadão assim desabrido já dizia tudo...”  
Essa afirmativa significa que:

- (A) o fazendeiro se sentiu honrado em ser considerado um “cidadão” pelo cabra escuro.
- (B) o velho fazendeiro assim se referiu ao cabra alto.
- (C) os dois cabras trataram com grande respeito o seu patrão.
- (D) o fazendeiro se sentiu assustado com a aspereza do tratamento.
- (E) o cabra alto reverenciou o velho fazendeiro.

**06 (EFOMM)** “Assim, o fazendeiro achou melhor fingir que não ouvira 3/4 e foi-se pondo de pé.”  
Essa afirmação significa que o fazendeiro:

- (A) entendeu o dito pelo cabra e se levantou.
- (B) fingiu não ouvir a maior parte do que fora dito pelo cabra.
- (C) não conseguiu ouvir o que falara o cabra.
- (D) não entendeu uma boa parte da fala do cabra.
- (E) mostrou ao cabra que ouvira quase toda a sua fala.

**07 (EFOMM)** “Era hora do almoço dos trabalhadores. Enquanto os homens comiam lá dentro, o fazendeiro velho sentava-se na rede do alpendre, à frente de casa espiando o sol no céu, que tinha como vidro...”  
Essa passagem, segundo a tipologia textual, é um exemplo de sequência:

- (A) expositiva.
- (B) dissertativa.
- (C) descritiva.
- (D) argumentativa.
- (E) narrativa.

**ANOTAÇÕES**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Interpretação de Texto

## Natal carioca

O homem zarolho, postado atrás do balcão da portaria do hotel, olhou o ventre de Maria e disse, peremptório:

Não há vagas. Os quartos estão todos tomados.

Ela e José desceram, em silêncio, a suja escada que rangia. Logo os envolveu, na noite nova, o rumor da cidade. O povo corria para os ônibus e trens, jornalheiros anunciavam o lançamento de uma bomba atômica no Pacífico – e tudo desnorteava ainda mais o casal que passara o dia procurando um quarto na grande cidade indiferente. Como dispunham de pouco dinheiro, subiam apenas as escadas das hospedarias que lhes pareciam acessíveis, mas em nenhuma delas haviam encontrado acolhida.

José e Maria continuaram perambulando, ora através de grandes avenidas, ora por estreitas ruas transversais. Estavam cansados, tinham vindo de longe, perseguidos por uma calamidade, e a ninguém conheciam. De vez em quando, Maria parava, queixando-se de seu doce fardo e das veias de suas pernas inchadas. E José erguia os olhos para os arranha-céus iluminados, via os aviões a jato que rumorejavam nas alturas e esperava que sua mulher sorrisse: era o sinal para continuarem a caminhada.

Tanto andaram, que se detiveram diante dos tapumes semidestruídos de um terreno baldio. José espiou e viu, ao longe, entre touças de capim, montes de tijolos e detritos, a sobra de um galpão. Entraram furtivamente, embora ninguém os estivesse observando. Tinham encontrado, afinal, num um lugar para aquela noite. José acendeu um fogo de gravetos.

E foi ali que Maria deu à luz seu filho. Perto, um jumento se agitava, incomodado pelos ratos e moscas que lhe importunavam o sono.

À luz vacilante do fogo de gravetos, José contemplou o recém-nascido: menino. E Maria parecia sorrir.

De repente, ouviram rumores e se assustaram. Eram três pessoas que se aproximavam do galpão, atraídas, decerto, pela luz do fogo.

Os três visitantes se acercaram e, olhando para dentro do galpão, compreenderam que um menino havia nascido.

O primeiro deles, que carregava um saco, era lixeiro, o segundo, camelô, e o terceiro, um negro tocador de violão, trazia seu instrumento.

O lixeiro abriu o saco e, escolhendo o trapo menos sujo, deu-o a Maria, para que com ele envolvesse santamente o corpo do menino. O camelô depositou ao pé da criança um brinquedo de matéria plástica, coisa de

contrabando. E, como o recém-nascido começasse a chorar, o terceiro visitante fez vibrarem as cordas de seu violão. E logo a criança se aquietou.

Então, o ar da noite estrelada encheu-se de sereias, toques de sinos, apitos de navios e de carros. E Maria perguntou:

– Que barulho é este?

– Um dos visitantes respondeu:

É noite de Natal. O povo está comemorando o nascimento de Jesus Cristo.

Maria olhou para o seu filho, que, envolto em trapos, dormia inocente no improvisado berço de palha. E duas lágrimas, grossas e cristalinas, desceram lentamente pelo seu rosto.

Lêdo Ivo

## EXERCÍCIOS NÍVEL 1

**01 (EN)** No terceiro parágrafo, o autor utiliza a expressão “grande cidade indiferente”. Haveria relevância semântica (mudança de sentido), caso o autor tivesse utilizado a inversão “indiferente cidade grande”? Justifique sua resposta.

**02 (EN)** Com relação ao quarto parágrafo, nele encontramos a informação de que se queixava Maria do “doce fardo” que carregava. A junção das duas palavras parece construir um paradoxo, o que, contudo, não corresponde à realidade, já que se trata de uma construção poética, totalmente intencional por parte do autor. Justifique o sentido que a expressão contém.

**03 (EN)** Conhecendo bem a cidade do Rio de Janeiro e a constituição do povo que nele habita, o que, aliás, é um fenômeno que ocorre em qualquer grande metrópole, responda: a que calamidade o autor deve estar fazendo referência no 4º parágrafo?

**04 (EN)** Por que razão José e Maria entraram “furtivamente” no terreno baldio?

**05 (EN)** De uma maneira peremptória, logo no início do texto, vimos que o recepcionista da hospedaria se negava a alugar vagas para o casal de “retirantes”. Justifique tal recusa.

## ANOTAÇÕES

### Estado de graça

Quem já conheceu o estado de graça reconhecerá o que vou dizer. Não me refiro à inspiração, que é uma graça especial que, tantas vezes, acontece aos que lidam com arte.

O estado de graça de que falo não é usado para nada. É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existe. Nesse estado, além da tranquila felicidade que se irradia de pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque, na graça, tudo é tão, tão leve. É uma lucidez de quem não adivinha mais: sem esforço, sabe. Apenas isto: sabe. Não perguntem o quê, porque só posso responder do mesmo modo infantil: sem esforço, sabe-se.

E há uma bem-aventurança física que a nada se compara. O corpo se transforma num dom. E se sente que é um dom porque se está experimentando, numa fonte direta, a dádiva indubitável de existir materialmente.

No estado de graça, vê-se, às vezes, a profunda beleza, antes inatingível, de outra pessoa. Tudo, aliás, ganha uma espécie de nimbo que não é imaginário: vem do esplendor da irradiação quase matemática das coisas e das pessoas. Passa-se a sentir que tudo o que existe – pessoa ou coisa – respira e exalta uma espécie de finíssimo resplendor de energia. A verdade do mundo é impalpável.

Não é nem de longe o que mal imagino deve ser o estado de graça dos santos. Esse estado jamais conheci e nem sequer consigo adivinhá-lo. É apenas o estado de graça de uma pessoa comum que, de súbito, se torna totalmente real porque é comum e humana e reconhecível.

As descobertas, nesse estado, são indizíveis e incomunicáveis. É por isso que, em estado de graça, mantenho-me sentada, quieta, silenciosa. É como uma anunciação. Não sendo, porém, precedido, pelos anjos que, suponho, antecedem o estado de graça dos santos, é como se o anjo da vida viesse me anunciar o mundo.

Depois, lentamente, se sai. Não como se estivesse estado em transe – não há nenhum transe – sai-se devagar, com um suspiro de quem teve o mundo como este é. Também já é um suspiro de saudade. Pois tendo experimentado ganhar um corpo e uma alma e a terra, quer-se mais e mais. Inútil querer: só vem quando quer e espontaneamente.

Não sei por que, mas acho que os animais entram com mais frequência na graça de existir do que os humanos. Só que eles não sabem, e os humanos percebem. Os humanos têm obstáculos que não dificultam a vida dos animais, como raciocínio, lógico, compreensão. Enquanto que os animais têm a esplendidez daquilo que é direto e se dirige direto.

Deus sabe o que faz: acho que está certo o estado de graça não nos ser dado frequentemente. Se fosse, talvez passássemos definitivamente para o “outro lado” da vida, que também é real, mas ninguém nos entenderia jamais. Perderíamos a linguagem em comum.

Também é bom que não venha tantas vezes quanto eu queria. Porque eu poderia me habituar à felicidade – esqueci de dizer que, em estado de graça, se é muito feliz. Habituar-se à felicidade seria um perigo. Ficariamos mais egoístas, porque as pessoas felizes o são, menos sensíveis à dor

humana, não sentiríamos a necessidade de procurar ajudar os que precisar – tudo por termos, na graça, a compreensão e o resumo da vida.

Não, mesmo se dependesse de mim, eu não queria ter com muita frequência o estado de graça. Seria como cair num vício, iria me atrair como um vício, eu me tornaria contemplativa como os fumadores de ópio. E se aparecesse mais a miúdo, tenho certeza de que eu abusaria: passaria a querer viver permanentemente em graça. E isto representaria uma fuga imperdoável ao destino simplesmente humano, que é feito de luta e sofrimento e perplexidades e alegrias menores.

Também é bom que o estado de graça demore pouco. Se durasse muito, bem sei, eu que conheço minhas ambições quase infantis, eu terminaria tentando entrar nos mistérios da Natureza. No que eu tentasse, aliás, tenho a certeza de que a graça desapareceria. Pois ela é dádiva e, se nada exige, desvaneceria se passássemos a exigir dela uma resposta. É preciso não esquecer que o estado de graça é apenas uma pequena abertura para uma terra que é uma espécie de calmo paraíso, mas não é a entrada nele, nem dá o direito de se comer dos frutos de seus pomares.

Sai-se do estado de graça com o rosto liso, os olhos abertos e pensativos e, embora não se tenha sorrido, é como se o corpo todo viesse de um sorriso suave. E sai-se melhor criatura do que se entrou. Experimentou-se alguma coisa que parece redimir a condição humana. Embora, ao mesmo tempo, fiquem acentuados os estreitos limites dessa condição. E exatamente porque, depois de graça, a condição humana se revela na sua pobreza implorante, aprende-se a amar mais, a perdoar mais, a esperar mais. Passa-se a ter uma espécie de confiança no sofrimento e em seus caminhos tantas vezes intoleráveis.

Há dias que são tão áridos e desérticos, que eu daria anos de minha vida em troca de uns minutos de graça.

(Clarice Lispector)

#### EXERCÍCIOS NÍVEL 1

- 01 (EN)** Qual a diferença entre a graça da inspiração e o “estado de graça” a que se refere a autora?
- 02 (EN)** Como a autora descreve o fim do “estado de graça”?
- 03 (EN)** Por que, segundo o texto, “Deus sabe o que faz”?
- 04 (EN)** Por que, na visão da autora, seria um perigo habituar-se à felicidade?
- 05 (EN)** Por que razões a autora afirma que o tempo de fruição do “estado de graça” deve ser breve?
- 06 (EN)** Por que se sai melhor criatura do “estado de graça” do que se entrou?

## O padeiro

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento — mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante, lembro-me de ter lido alguma coisa

nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”. De resto, não é bem uma greve, é um “lock-out”, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que, obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido, conseguirão não sei bem o quê do governo.

Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E, enquanto tomo café, vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento, ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os

moradores, avisava gritando:

– Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

“Então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes, acontecera-lhe bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro; “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim, ficara sabendo que não era ninguém.

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um

colega, ainda que menos importante. Naquele tempo, eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação do jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina e muitas vezes, saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E, às vezes, me julgava importante, porque, no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam cedinho na porta de cada lar; e, dentro do meu coração, eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre: “não é ninguém, é o padeiro!”

E assobiava pelas escadas.

Rio, maio, 1956.

(BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana*, 3ª edição, Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962, p 43-45.)

## Glossário

**abluções:** Conjunto de atividades que constituem a higiene matinal.

**“lock-out”:** Coligação de patrões que, em resposta à ameaça de greve de seus operários, fecham as suas oficinas.

## EXERCÍCIOS NÍVEL 1

- 01 (EN)** Como se explica a denominação “greve do pão dormido”?
- 02 (EN)** Explique o sentido da expressão “de ouvido”.
- 03 (EN)** Por que o padeiro não demonstrava sentimento de mágoa ao contar ao cronista como tomara consciência de que não era ninguém?
- 04 (EN)** O que o autor pretende enaltecer com sua crônica, o que, aliás, nada mais é do que a temática do texto?
- 05 (EN)** Cite a relação mais evidente e a oposição, decorrente dessa relação, que você pode apresentar entre o jornalista e o padeiro, através da crônica.
- 06 (EN)** Relacione alguns elementos linguísticos de coesão referencial, numerados no texto, com suas respectivas formas referenciais endofóricas, isto é, contidas explicitamente na crônica. Para fazer a relação dos elementos linguísticos de coesão com seus referentes textuais, numere as lacunas adequadamente.

## Elementos referenciais ou remissivos

- (1) Alguma coisa  
 (2) “lock-out”  
 (3) ele  
 (4) “– Não é ninguém, é o padeiro!”  
 (5) aquilo  
 (6) “Então você não é ninguém?”  
 (7) ninguém  
 (8) isso  
 (9) colega  
 (10) Naquele tempo

## Referentes textuais ou endofóricos

- ( ) a redação do jornal  
 ( ) “greve dos patrões”  
 ( ) “–Não é ninguém, é o padeiro”  
 ( ) autor / emissor  
 ( ) Parágrafo anterior  
 ( ) “Padeiros” de antigamente  
 ( ) Outras pessoas quaisquer, menos o padeiro  
 ( ) Tempo anterior ao da narrativa.  
 ( ) empregada  
 ( ) greve do pão dormido  
 ( ) homem modesto

ANOTAÇÕES

Ruled area for notes consisting of 28 horizontal lines.